

NUMERO ESPECIAL



PRO-VIMARANE



ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES

Editor — ANTÓNIO FARIA MARTINS

REDACÇÃO: Rua da República — GUIMARÃES

Director — JOSÉ PINTO RODRIGUES

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFF. DE "O COMMERCIO DO PORTO"

VISITA PRESIDENCIAL

O "PRO-VIMARANE" presta a S. Ex.^a o Snr. Presidente da República e aos Ex.^{mos} Ministros que o acompanham as sinceras homenagens do seu muito respeito.

VÊM S. Ex.^{as} animados do desejo de conhecerem bem de perto o extraordinário exemplo de trabalho que é a nossa querida terra. Querem S. Ex.^{as} avaliar, de um modo directo, da justiça que assiste ás reclamações que, desde ha muito, Guimarães vem fazendo perante os Podéres Públicos. Tem, porisso, a visita de S. Ex.^{as} um significado importantissimo. Foi o reconhecimento desse significado que fez com que todos os vimaranenses se unissem, conjugassem os seus esforços — sem curarem das pessoais opiniões ou crenças politicas — no sentido de imprimir o maior brilhantismo á recepção de S. Ex.^{as}, honrando assim, mais uma vez, as nossas brilhantissimas tradições de cavalheirismo e hospitalidade.

Muito haveria que mostrar a S. Ex.^{as}, de muito teriam S. Ex.^{as} que tomar conhecimento, a muito teriam de dedicar as suas atenções, muitas reclamações cheias de justiça teriam de julgar, se não fosse todos nós reconhecermos, com lealdade, que a tudo não pode chegar o bom desejo dos governantes, pois no *mare magnum*, da vida portuguesa ha um sem número de iniciativas a precisar de efectividade, um avultado número de interesses fundamentados a exigir garantias, toda uma obra de reconstrução e de reabilitação a fazer.

Compreendemos bem o que sejam as responsabilidades das pessoas que se encontram colocadas nos mais altos lugares da Administração Pública, assim como de boa fé reconhecemos o seu desejo de bem servir, de conduzir pelo melhor caminho a *Res Publica*. Não podemos, porém, deixar de aproveitar esta oportunidade para, como órgão legitimo e incontestado dos interesses desta terra, lembrarmos aos ilustres visitantes que, do muito que falta em Guimarães, algumas coisas ha que devem, para prestigio mesmo dos Podéres Publicos, ser concedidas e que algumas reclamações ha que exigem uma solução rápida, equitativa e justa.

Guimarães tudo merece — dizemo-lo orgulhosamente. E' a mais portuguesa de todas as terras portuguesas. E sendo a que mais merece, é a que menos tem recebido.



S. Ex.^a o General OSCAR FRAGOSO CARMONA
ILUSTRE PRÉSIDENTE DA REPÚBLICA

Sejam bemvidos os nossos visitantes! Que da sua visita resulte, bem cedo, para todos os vimaranenses, uma satisfação enorme, uma alegria sem limites — a alegria e a satisfação de ver, em fim, realizadas as suas mais caras aspirações, dando pleno incremento á obra regionalista empreendida!

AMAÇÕES LOCAIS

UNIDADE MILITAR

Em tempos, em maré viva de luta, uma das fases mais agitadas da nossa vida local, quando todos, como um só, nos esforçávamos, entregando-nos inteiramente à boa causa, para que nos fosse concedido o que tão violenta e arbitrariamente nos havia sido tirado, alguém escreveu nestas mesmas colunas:

«Glorioso destino o nosso! Dir-se-há que sobre nós caiu dura, tremenda excomunhão! Já não fazemos parte da mais gloriosa, da mais nobre de todas as terras de Portugal. Vivemos numa gafaria. O nosso contacto é perigoso. Dia virá em que nos coloquem neste recanto do Minho em estado de isolamento, sem comunicação com os meios civilizados...»

Passaram-se mais de dois anos. Então, os corações mandavam falar alto, a indignação de todos traduzia-se claramente. Guimarães havia começado a percorrer o seu calvário de terra mártir. Surgiam a cada momento ameaças de perder algumas das coisas que lhe eram mais queridas, que muito amava e de que muito legitimamente se orgulhava.

Uma das medidas dos Podéres Públicos que mais feriram os vimaranenses foi a retirada desta cidade do glorioso Regimento de Infantaria n.º 20, retirada imposta por uma reorganização militar. Regimento de tradições honrosíssimas, estava por tal forma ligada a sua tradição brilhante à história desta terra, que vê-lo partir sem protesto, o mesmo seria que dar uma prova cabal de que haviam desaparecido para sempre aqueles entusiasmos vibrantes, aquelas vontades firmes que, nos momentos graves, sempre defenderam com tenacidade os interesses e as regalias de Guimarães.

Não aconteceu assim, para honra nossa. Todos se lançaram, ansiosos por verem dignificada e colocada no lugar próprio a terra que os viu nascer, numa campanha febril, intensa, crentes de que conseguiriam, afinal, o triunfo da sua ambição tão legítima, tão cheia de nobreza.

Tal não se conseguiu, por nosso mal. Foram até Lisboa, por mais duma vez, defender a justa pretensão, comissões de vimaranenses, representantes das forças vivas da nossa terra. Numa das representações apresentadas então ao Governo, representação que transcreveríamos integralmente se não fôra a exiguidade do espaço, escreveram-se estas palavras, ainda hoje oportunas:

«De há tempos vem Guimarães sendo desatendida nas suas fundadas pretensões e atendíveis reclamações. E esse quasi abandono a que a votaram os Podéres Públicos, sentem-no, profunda e entristecidamente, os vimaranenses, que têm a consciência de sempre terem sabido ser bons portugueses».

«Os habitantes de Guimarães são madeiros, laboriosos, amigos da sua terra. Interessa-os muito pouco a politica, po que inteiramente os absorve o trabalho».

«É necessário se torna referir-mo-nos às tradições históricas, nos gloriosos pergaminhos da vetusta Vimarania, que sempre tem sabido amar a Pátria com o carinho, com a ternura, com a dedicação de Mãe extremosíssima. Do patriotismo, das qualidades, da energia, da coragem, da valentia dos vimaranenses nossos antepassados dizem bem eloquentemente estas palavras cheias de beleza, dum morto ilustre: «homens, afeitos na labuta do trabalho, tinham-se habituado também à defesa dos muros. A mesma mão brandia um perreco igual, o macho ou a anka, e a mesma tranquilidade reinava nos corações quando se descobriam sobre os linceiros de murto da pais sobre o parapeto das muralhas. E da forma como se portaram, na conflagração europeia, os serranos heroicos da nossa terra, fala, em linguagem sublime, a Cruz de Guerra que ostenta a

bandeira do Regimento de Infantaria n.º 20, retirado de Guimarães pelas exigências da última organização militar».

«Comparável à heroicidade dos filhos de Guimarães, quando periga a Pátria, só o esforço do seu trabalho, a sua persistência em progredir nos tempos de paz. Guimarães é hoje uma das cidades mais importantes do país. Poucas têm, como ela, uma tão intensa vida comercial e industrial. As indústrias e o comércio de Guimarães honram Portugal. As manufacturas que saem das fábricas e oficinas vimaranenses enfren-

minando um ambiente social de natureza especial, muito propenso às grandes agitações, impõem, especialmente nos meios em que é muito avultado o número de operários — como Guimarães, onde atinge uma cifra elevadíssima — um cuidado e vigilante serviço de ordem».

«Deixar Guimarães sem qualquer unidade militar seria quebrar o fio duma tradição gloriosíssima».

Não valeram as repetidas instâncias, de nada valeram os esforços dispendidos. Não

celhos representaram neste sentido junto do Governo da Nação.

Em Guimarães se guardam os primeiros, os mais eloquentes monumentos da história pátria. Sacratíssimos padrões do início duma história sem igual, atestando que foi, no lugar onde nós, vimaranenses, nascemos e nos criamos, que nasceu e se criou a Pátria, esses monumentos exigem uma guarda de honra condigna. Junto deles ficam bem os soldados de Portugal!

CORREIOS E TELEGRAFOS

Arrastou-se durante anos a campanha que visava obter uma estação de Correios e Telegrafos condigna de Guimarães. O edificio em que por muito tempo funcionou a respectiva repartição estava muito longe de corresponder às necessidades da terra. Mais: era uma verdadeira vergonha. O público apertava-se num corredor de exíguas dimensões, á espera que chegasse a vez de ser servido, bloqueado por montões de pacotes e embrulhos. A d dicação e o bairrismo de alguns vimaranenses tudo modificaram. E' de justiça lembrar, sem melindres para quaisquer outros, Mariano Felgueiras, João Rodrigues Lureiro, Alberto Teixeira Carneiro, a Associação Comercial da época e a Comissão Administrativa da presidência do capitão Duarte Fraga.

Hoje o edificio dos correios honra a cidade. E' mesmo, em todo o país, a melhor casa dos correios da provincia. Além das dependências esplendidas para os chefes, todos os serviços dos Correios, do Telegrafo e dos Telefones estão ótимальmente instalados, com larguesa e a máxima limpeza, dispondo o público de espaço mais que bastante. Houve, na rialidade, o cuidado de produzir obra que estivesse de harmonia com a importância da cidade e do concelho, e com o extraordinário movimento que aqui têm os serviços dos Correios, Telegrafo e Telefones.

A'cerca desse movimento podemos dizer alguma coisa que muitos desconhecirão. A estação dos Correios, Telegrafos e Telefones de Guimarães é — sem duvida alguma, e sem guardar proporções — uma das mais importantes, se não a mais importante do país.

O movimento postal local é o primeiro, depois de Lisboa e Porto. E — o que é importantíssimo frizar-se — as suas receitas vão muito mais longe do que pode à primeira vista imaginar-se. A estação de Guimarães é a estação do país que mais receita dá para o Estado. E' a única em que a despesa só abrange um terço da receita. E os dois terços restantes atingem trinta e tal contos por mês, o que dá approx madamente quatrocentos contos líquidos por ano.

O serviço de eleições, que o Sr. Presidente da República vem inaugurar deve render — para já, porque, como é natural, muitos mais subscritores aparecerão — oitenta contos por ano, oitenta contos líquidos!

Não há terra alguma no país que possa orgulhar-se de, nê-tes serviços, contribuir para o Estado com um tal quantitativo.

Grande, admiravel obra foi o conseguir-se a instalação condigna dos serviços dos Correios, Telegrafos e Telefones na nossa terra. Gatos devemos ser sempre a quem pela sua efectivação se empenhou. Mas alguma coisa falta ainda — pessoal. A estação de Guimarães não tem — di lo toda a gente que precisa de ir por lá — pessoal bastante para servir, com a necessária rapidez, o público. Urge que se remedie esta falta. Creemos bem que, depois da visita oficial do Chefe do Estado e dos Ex. mos Ministros que o acompanham, ela não se fará sentir mais. Esta nossa convicção corresponde aos desejos de todos os vimaranenses.

POLICIA

Instou-se durante muito tempo, junto de quem se direto, por que a Guimarães fosse concedido um serviço de policia como o exigido as suas condições de vida. Foi-lhe concedido, até agora, um magrissimo... corpo de policia — doze guardas, se não estamos em erro. No tempo em que a vida

PREGÃO

A Câmara Municipal faz saber que, no dia 3 de Abril, pelas 18 horas, — 6 da tarde — chega a esta cidade Sua Ex.ª o Presidente da República, que a vem visitar e inaugurar a rede telefónica urbana.

Acompanha-o o Ex.º Ministro do Interior e Comércio, que é também Presidente do Governo, e os Ex.ºs Ministros da Instrução, Agricultura, Estrangeiros e Marinha.

Após a chegada, o Ex.º Presidente receberá na Casa da Câmara os cumprimentos de Boa-vinda e vai para o Palácio de Vila Pouca, onde lhe é oferecido um jantar em nome da cidade e concelho.

Nessa noite haverá no largo da República do Brasil — Campo da Feira, — iluminação e festival.

No dia 4, de manhã, o Ex.º Presidente inaugurará a rede telefónica e depois, se a saúde lho permitir, visitará alguns centros industriais, monumentos, instituições de ensino, Bombeiros, etc., e de tarde irá à Penha.

Por seu lado, os Ex.ºs Ministros visitarão na cidade e fora dela o que há digno de vêr-se, para conhecerem o valor do concelho e as suas precisões, receberão deputações e colherão elementos para atenderem as justas pretensões dos povos.

Na noite desse dia há vistoso fogo do ar e a Marcha Milaneza, que Guimarães e estranhos tanto apreciam.

No dia 5 à tarde os nossos ilustres hóspedes retiram.

A Câmara Municipal, celebrando em nome dos povos do concelho, com o esplendor que é possível, a honrosa visita que o Chefe do Estado e o Governo lhe fazem, quer engrandecer a nossa terra, tirá-la da obscuridade em que é tida, levantá-la do marasmo em que jaz, mostrar o seu valor, expôr as suas necessidades para serem remediadas, patentear as suas justas reclamações, para serem atendidas, criar nos povos Alma Nova, contribuir para o seu progresso no campo da paz e da ordem, e por isso pede a todos os cidadãos que ornamentem, embelezem e iluminem suas casas e dêem todas as demonstrações ao seu alcance de geral regosijo.

Mais se anuncia que na quarta-feira de tarde, antes da chegada do Ex.º Snr. Presidente da República, será a nova bandeira da Câmara benzida por Sua Ex.ª o Snr. Arcebispo de Braga, na Igreja da Oliveira.

tam bem o que de melhor se produz no estrangeiro».

«A importância de Guimarães, o seu lugar marcante na vida económica nacional, mostra-se bem saliente no quantitativo avultadíssimo com que contribue para as despesas gerais do Estado, pagando, ela só, de contribuições, mais do que todos os outros concelhos do districto, incluindo Braga. Isto quanto ao indiscutível direito que a Guimarães assiste de possuir, tal como outras cidades de muito menor importância, uma unidade militar. A demonstração de que este direito corresponde a uma necessidade absoluta é bem fácil. Basta atentar em que as condições económicas da vida actual, o constante agravamento dos preços, a crise porque vão passando algumas indústrias, todo um sem número de factores por demais conhecidos, deter-

viu Guimarães realisada a sua tão justa pretensão, talvez porque superiores razões de ordem estratégica, que nunca comprehendemos, e que, julgamos, não poderão justificar se, assim o impuzeram.

Por demais são conhecidos os argumentos, as razões que fundamentam, a colocação nesta cidade duma unidade militar. Melhor do que nós os conhece quem superiormente pode resolver tão magno assunto.

Quando Guimarães pede que seja reposta uma unidade militar, quer nêsse pedido abranger o respectivo districto de recrutamento, que não só interessa ao seu Concelho, mas aos concelhos mais próximos, que pertenciam à área do extinto districto e que hoje se encontram muito afastados da sede actual, o que lhes cau-a grandes prejuizos e embarços, obrigando os seus habitantes a uma muito maior deslocação. E tanto assim que já as Câmaras desses con-

local era muito diferente do que é actualmente, tivemos nós, a policia a cidade, vinte guardas... Como se compreende que hoje, restrito o serviço da Guarda Republicana, que então nem sequer aqui estava estabelecida, doze guardas sejam julgados bastantes para o policiamento duma das cidades mais populosas do paiz?

E' absolutamente indispensavel remediar esta falta. Esperamos que não demore a solução justa de esta outra reclamação local, como todas as mais correspondendo a uma necessidade imperiosa.

Monumentos de Guimarães

O nucleo de monumentos que artisticamente enriquecem o concelho de Guimarães realisa uma *suite* architectonica desenvolvida aos termos de abranger desde a arte romano-bisantina, utilizada aqui nos meados do seculo X, até ás obras de caracter néo-classico, que tiveram ainda efectiva realisação em toda a primeira metade do seculo XIX.

O mosteiro duplice que N. S. da Conceição institui na sua quinta de *Vimaranes*, no primeiro dos periodos acima indicados, e que, por circunstancias imprevistas, mas generosas, da fortuna, veio a constituir o fulco criador da nossa já hoje quasi milenaria cidade, apresenta-nos na frontaria da sua *Sala do Capitulo* — unica em Portugal pelo seu desenho e decoração — o mais remoto dos nossos documentos architectonicos, de arte romano-bisantina como dissémos, e cujas linhas de labor oriental tivemos recentemente o prazer de reintegrar na pureza e originalidade da sua expressão primitiva.

Desmembradas da antiga circumscrição do concelho de Guimarães varias das freguezias que enriquecem ao presente os vizinhos e modernos concelhos de Fafe, Felgueiras, Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão, o famoso grupo de monumentos de caracter romanico que outrora opulentavam a nossa zona territorial e artistica diminuiu consideravelmente, sendo contudo ainda notavel a série dos que n'esse genero nos restam, em geral obras realisadas no seculo XII, tais como S. Miguel do Castelo, Cerzedelo, S. Torquato, S. Salvador do Santo, Pinheiro, S. Martinho de Candoso e Santo Adrião de Vizela.

Segue-se, pela ordem de antiguidade e correspondencia mais ou menos comum do estilo, o claustro da Colegiada vimaranense, agora sujeito a restauro por nós dirigido, mas cuja execução se iniciou apenas no seculo XIII, como um valioso documento no-lo conta e a propria decoração de uma parte importante dos capiteis inteiramente o comprova.

Os monumentos de caracter gotico ainda existentes em Guimarães constituem o mais selecto e magestoso dos seus nucleos artisticos. A' secção do primeiro periodo pertencem a igreja de S. Domingos, construida na primeira metade do seculo XIV, e a capela de S. Braz (1419-1421), erguida á entrada do claustro da Colegiada, segundo verba testamentaria do almoxarife Alvaro Gonçalves de Freitas. Respeitam ao segundo periodo, o mais notavel de todos, a igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira (1387), a igreja de S. Francisco (1400) e os Paços dos Duques de Bragança de Guimarães, cuja construção foi iniciada na primeira metade do seculo XV pelo primeiro conde D. Afonso, é concluida por seu filho, o primeiro duque D. Fernando de Bragança.

A primeira das obras d'este ultimo grupo, da qual, infelizmente, só resta a parte central do frontispicio, é da criação do mestre toledano João Garcia, antigo vedor das obras do rei D. Fernando; não devendo ter sido estranho á construção das restantes o mestre de pedraria Antom, de origem franceza segundo supomos, e que documento inconcuso nos cita como executando e vivendo aqui pelo menos até 1460.

Propriamente do periodo chamado *manuelino* apenas a torre da Colegiada nos

fala, mas essa (excepção feita á capela tumular dos Pinheiros, que ocupa o seu primeiro corpo) não logra atingir mais do que a valia de uma obra lançada com elegancia e discrição ornamental.

A architectura do periodo da Renascença pouco desenvolvimento teve entre nós ou em Guimarães. Contudo, a obra do chafariz monumental instalado no Largo Martins Sarmiento (1583), da autoria do artista vimaranense Gonçalo Lopes; as casas do doutor Garcia de Carvalho, chanceler-mor e testamenteiro do rei «Piedoso», no largo Franco Castelo Branco; e o frontispicio da renascença-flamenga da igreja da Misericordia (1588) — os tres são obras que se distinguem pelas suas qualidades tecnicas e bom gosto artistico.

Pelas indicações feitas, as obras de architectura conservadas na cidade e seu termo, e que abrangem desde o periodo final da arte bisantina á Renascença, foram, como vimos, do numero relativamente limitado, podendo assim parecer que só essas se construíram durante os seis seculos de que representam veneranda memoria. Não é, porém, assim. Consultando os arquivos



GUIMARAES — Paços do Concelho

e percorrendo a cidade, chegamos á conclusão lamentavel de que muitas outras e importantes obras de estilo se realisaram durante o longo periodo, perdendo-se todavia, quer pela falta de conservação, quer, e peor, sob a influencia do costume de seguir a novidade dos traçados em uso — tantas vezes de nenhum caracter nacional e porventura de limitadas qualidades tecnicas.

Ao contrario, as obras architectonicas do periodo da restauração classica, introduzidas aqui pelo artista Gonçalo Lopes e continuadas por grande numero dos seus discipulos até ao primeiro quartel do seculo XVIII, abundam extraordinariamente em Guimarães e seus arredores. Salientaremos o claustro de S. Francisco, de Gonçalo Lopes; a capela-mór da igreja de S. Damaso, dos mestres Domingos Coelho e Christovam Fernandes; o claustro e fachada do convento da Costa, de Pedro Alonso de Amorim e a casa da Misericordia, de João Lopes de Amorim. Recordando ainda obras valiosas, mas cuja autoria não pôde ainda determinar-se, não esqueceremos a capela-mór da Colegiada, os dois altares do transepto na igreja de S. Francisco, bem como o formoso tumulo do fidalgo D. Manoel de Valadares, no claustro da Colegiada.

Vamos concluir com uma referencia, tam ligeira como as passadas, á arte da architectura em Guimarães no seculo XVIII. A consideração de caracter classico deranos já alguns edificios civis de notavel elegancia e indiscutivel valor tecnico. Essas mesmas construções, desvirtuadas de interpretação estetica, vieram até aos inicios do seculo XIX, produzindo, como dissemos, as chamadas obras de caracter neo-classico. E' em meio desse prolongamento da apreciação das formulas classicas que, em Guimarães, se utilizam as influencias francezas e suas derivantes nacionaes, as quaes nos deram, entre outras, as obras do convento do Carmo, do convento de Santa Clara, da capela de S. Domingos e igreja do Campo da Feira, bem como as construções civis da casa dos Arrochelas, da casa dos Machados, da casa do Arço, e varias mais. Não pôde nem deve dizer-se ser este um

periodo de bom gosto e de grandes recursos de instrução profissional, pois apenas se trata de uma época artistica de grande curiosidade ornamental, e esta mais ou menos scenografica.

Assim, e por ligeiro desenho, se constitue o nucleo artistico de especie architectural, que se espalha, na sua grande maio-

ria, na vastidão da Guimaraes e de que o telo, meado da torre quasi um milenio de e pela sagrada de uma gr ser o orgulho maior da ci tem e estremece.

ALFREDO GUIMARAES

Evocação

Vimaranenses ilustres

Evocar a memoria de todos quantos, no passado, honraram e glorificaram a terra que lhes foi berço, recordar todos os vimaranenses que procuraram engrandecer a sua terra querida, quem servindo e defendendo os seus interesses, quem estudando e investigando a sua história, os seus monumentos, as suas fontes de riqueza, quem ainda impondoa como centro de trabalho, como grande nucleo industrial, comercial e agricola, — é um dos nossos mais imperiosos deveres.

Dêe nos desempenharemos, pouco a pouco, contribuindo assim para que, com o exemplo dos mortos saudosos, se avigore e exalte no espirito dos vivos o amor pela nossa sagrada e gloriosa terra.

Evocaremos hoje, especialmente, e em breve resenha, alguns dos vimaranenses que mais se dedicaram aos estudos regionais, ao estudo da terra e da sua história, das suas tradições e das suas riquezas.

Vindo de longe, apparecem-nos, em primeiro lugar, André Afonso Peixoto e Torcaão Peixoto de Azevedo, historiadores e investigadores de grande merecimento. Mais chegadas a nós, ainda do nosso tempo, consagradas pela admiração dos seus iguais, primeiros entre os primeiros, os vultos agigantados de Martins Sarmiento, Alberto Sampaio, António José Ferreira Caldas, Abade de Tagilde e João de Meira.

Martins Sarmiento é uma glória universal. A sua estupenda obra de arqueólogo, o seu amor sem limites pelos estudos de investigação histórica, os serviços que prestou á sciência, a dedicação e o caminho com que se votou inteiramente á reconstituição das épocas passadas, á descoberta

das primeiras civilizações e dos primeiros habitantes da peninsula, impuzeram-no a todo o mundo culto, sendo hoje admirado e venerado como guia e Mestre. A' cerca d'ele escreveu, ainda recentemente, o ilustre professor dr. Mendes Corrêa, estas bem merecidas e justas palavras: «o glorioso arqueólogo foi o indice, a encarnação intellectual do nacionalismo vimaranense, do patriotismo minhoto, que tantas vezes lampeja, formidavel, nas paginas da história e, ainda mais vezes, constitue, sem explosões retumbantes, sem ruidosos pregões de fama, a fonte bem dita, de discreto murmúrio, inesgotavel e limpida, em que nas horas angustiosas sorve alento sagrado a fé heroica dos Portugueses». Teófilo Braga disse de Sarmiento: «honrou a sua época, pondo Portugal a par do concurso mental europeu». Referindo-se á Sociedade que tem o nome d'este investigador votado á pesquisa incessante das origens remotas do seu povo, escreveu Ramalho Ortigão: «... é um verdadeiro monumento de condição, de estudo, de trabalho pratico, de piedade histórica».

De Alberto Sampaio escreveu, um estudo sobre a sua personalidade, o grande ensaista Jaime de Magalhães Lima: «em Alberto Sampaio o estudioso foi simultaneamente um apóstolo, e a sua vida e a sua obra tornaram-se, além de conselho seguro do entendimento, inspiração magifica de dignidade».

Antonio José Ferreira Caldas deixou-nos uma obra magnifica, de escrupulosa investigação e cheia de primorosos elementos para o estudo da nossa terra: — «Guimaraes, apontamentos para a sua história».

Ao Abade de Tagilde, grande trabalha-

... Porque amamos tanto a nossa Guimaraes? Fosse ela uma junqueira brava, com um passado de cabana, amortecida no atonto das horas indiferentes e pesadas! Mas ela tem, neste formoso qualra minhoto, a mais enternecida paisagem de suavidade e maravilha. As suas casinhas arruam-se em estâncias saudosas. Tressua a pedra dos seus muros o sangue forte dos gloriosos fundadores da nossa nacionalidade. E nem uma só hora, uma só, viveu a inquietação da alma pátria em que ela não estivesse identificada com toda a sua alma. Era terrível e vitoriosa a sua espada, porque ela mesma lhe forjára a tempera. Largamente se entregou a um sonho de misticismo fervoroso — e é ainda essa luz tão meiga e profunda, admiravel, que ilumina os olhos das suas moças. Fez o bragal — do linho da terra, o doce — do trujo das suas arvores. Pintou, agricultando, o quadro emudecido e dourado das suas encostas e das suas várzeas. Cantou e sofreu. Foi S. Mamede e verteu, regou com o seu sangue Aljubarrota, Ceuta e India. Não temeu o império dos Filipes e defrontou-se com Napoleão. E trabalhou sempre. A enxada, o escopro, o cinzel, a forja. Apegou-se á Terra, enboscou-se nas oficinas, sulcou os mares, estremeceu na ancía da arte. Com insistencia tão devotada e tão amorosa, ao comprido de tantos séculos, que, neste recanto afastado, ao mesmo tempo que amassava em glória um passado brilhante e límpido, fortalecia uma grande e bela lição de trabalho, essa de que descende e criou a laboriosa cidade de Guimaraes.

Eduardo d' Almeida

No "Labor da Grey"

histórica local, que fez e demorado dos nos- nos uma longa série de a capital — «Vimaranis ca» — é um notabilissimo saber e beneditina paciência. Meira, sempre viva saúde de quantos conheceram e admiraram o seu belo e fulgurante espirito, mereceu — e bem — de um dos seus amigos mais dilectos, estas comovidas palavras: «foi um corajoso homem de caracter; defendia em qualquer campo as suas convicções, era sempre o

mesmo, não se curvava perante a imposição do número e triunfou sem lisongear ninguém». Nenhum destes vimaranenses teve ainda a consagração que lhes é devida. Um dia, que não vai longe, certo ministro da Instrução prometeu, muito espontaneamente, interessar-se pela consagração definitiva que a nossa tão formosa provincia tem o dever de levar a efeito, perpetuando por qualquer maneira a personalidade do eminente investigador da Lusitania. Até hoje, porém...

AO SR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO

Nesta visita oficial que V. Ex.^a faz à mais antiga e mais nobre das terras portuguesas, deve V. Ex.^a, no uso das velhas praxes, receber das mãos dos representantes do Municipio o memorial das nossas petições, quanto ao departamento das coisas da instrução pública.

Certamente lhe recordarão, Senhor Ministro, que é lastimosamente o concelho de Guimarães, á face das estatísticas, o concelho do distrito que maior percentagem oferece no iletrismo; que não possui uma unica escola nocturna para a sua densissima população obreira; que, finalmente, os edificios escolares são uma autentica miseria!

agora que os serviços dos demais pelouros da instrução passam para a jurisdição de V. Ex.^a, ouvirá igualmente, Senhor Ministro, queixumes relativos á nossa Escola Industrial e Commercial, com uma maquinaria inerte ha 35 anos; com disciplinas a denunciar que, em vez de um estabelecimento oficial e profissional para o ensino tecnico das industrias mais dominantes na região, temos um... «conservatorio de teoria» excepção das disciplinas do desenho!

Contudo, se V. Ex.^a visitar os edificios da Escola Central, e, respectivamente, da Escola «Francisco d'Holanda», concluirá que algo de proficuo e de bom se pode fazer em beneficio dos dois ramos do ensino popular: primario e tecnico.

Por sua vez, Senhor Ministro, mais magoados serão os queixumes desta população, recordando a V. Ex.^a que foi nesta situação politica que o nosso primeiro estabelecimento de ensino perdura a categoria de Liceu Central — categoria alias legitimamente conquistada desde 1917.

E quer V. Ex.^a saber porque reputo legitima esta conquista?

Porque durante 25 anos, (1896-1921) o nosso Liceu não custou ao Estado um ceutil, pois viveu sempre a expensas do Municipio e da Colegiada vimaranenses;

Porque desde 1910 possuímos, anexo ao edificio do Liceu, um Internato Municipal, instalado em condições tão excelentes que, já um dia, o venerando ex-Presidente da República dr. Antonio José d'Almeida, o reputou de «excepcional», no país;

Porque a frequencia do nosso Liceu foi sempre das maiores, confrontada com a frequencia dos demais Liceus da provincia;

Porque o nosso Liceu tem gabinetes, laboratorios, ginasio, balneario, reservatorios, nas condições mais pedagogicas;

Porque, finalmente, sendo Guimarães um centro com uma singular variedade de industrias; com importantes monumentos históricos; duas notáveis estações arqueológicas; uma grande biblioteca pública; um arquivo erudito; dois museus com colecções etnográficas, numismática e arte religiosa; Guimarães é, por tantos títulos, um apre-

ciável centro de cultura, da maior utilidade para o ensino.

Com tais atributos, perguntamos cheios de estranheza ¿; porque perdura o nosso primeiro estabelecimento de ensino a categoria de Liceu Central?!

Se nem sequer o tão preconizado argumento da compressão das despesas públicas pode ser aplicado ao Liceu de Guimarães ¿! porque o feriram então?!

Senhor Ministro da Instrução: A lei relativa a 6 de junho de 1921, votada e referendada pelo Parlamento Português, transferindo para si integralmente todo o rendimento da extinta Colegiada de Guimarães, entendeu de boas contas e elementar justiça, reciprocamente prover da sua parte a todas as despesas com o nosso Liceu Central.

Compulse V. Ex.^a em estudo as leis de 2-8-915, 29-8-917 e 6-6-921, respectivamente com os n.ºs 341, 795, 1178, e depois concluirá que ao Liceu Central de Guimarães não pode ser applicado o criterio geral do regimen de compressão; porquanto, é evidente que as suas condições para com as contas do erário publico são diversas ás condições que oferecem os outros estabelecimentos similares do país.

Concorra, pois, V. Ex.^a, Senhor Ministro, para que a medida governativa de ordem geral — alias muito louvavel pelo seu alcance financeiro e patriótico — não coloque em regimen de contas irradiadas o Liceu de Guimarães, certo de que não há nada que mais magoe e irrite o espirito publico do que são as desigualdades de tratamento.

Creio, por todas estas razões, que a minha boa-fé de provinciano não será d'esta vez lograda, na esperança que ponho quanto ao procedimento que V. Ex.^a, Senhor Ministro, vai adoptar, senão em beneficio do nosso ensino primario e tecnico, carecido entre nós de serios remedios e atenções esportivas! — ao menos em reparo do agravo feito, por irreflexão, contra o nosso Liceu Central.

Honre-me V. Ex.^a aceitando os cumprimentos de Boas-Vindas do vimaranense e antigo republicano.

A. L. DE CARVALHO

A' imprensa de Guimarães

A imprensa, ha tantos anos classificada «a grande alavanca do mundo», raras vezes é tratada como merece.

Será porque ha jornais que desconhecem o dever que contraem quando aparecem a público e atraioam a verdade, desorientando a opinião pública, mentindo?

Será porque nem todos sabem reconhecer o valor onde elle existe?

Por uma coisa e outra. Pois que mais uma vez se diga, alto e bom som, que a imprensa, tendo uma grande missão a cumprir, — porque é missão sagrada — merece, se não toda, na sua maior parte, o carinho, a simpatia e o reconhecimento dos povos e das sociedades.

Vai Guimarães inaugurar festiva e entusiasticamente a rede telefónica urbana e receber o representante supremo da Nação com alguns dias de hospitalidade.

Bem haja, porisso, a nobre e fidalga cidade!

Mas aos visitantes, aos convidados, á imprensa diária e aos próprios vimaranenses, outro dever assiste: Prestar homenagem á imprensa local.

A cidade e o vasto concelho de Guimarães devem-lhe muito. Devem-lhe até, na sua quasi totalidade, o brio das festas que vão ai começar amanhã e a visita do illustre militar e meu antigo camarada, Snr. General Oscar Fragoso Carmona, que vem realizando uma obra de patriotismo verdadeiramente notável.

Assim, prestar homenagem á imprensa de Guimarães, é fazer-lhe justiça, é cumprir um dever.

Porto, $\frac{III}{IV}$ 1929.

SILVA COUTO.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Araduza! Araduza!

O' meu Berço d' Amor: por ti eu rogo á Mãe Me dê inspiração p'ra te poder cantar!
O' nobre Vimarões, ó velhinha Araduza,
O' meu Torrão-Querido, ó meu saúdoso Lar!

Berço de D. Afonso — o rei Conquistador,
Aquele que tam alto ergueu a sua Espada,
E mais alto a ergueu ao ser o Fundador
Do nosso Portugal, da nossa Pátria-Amada!

Berço de Manuel Gonçalves — o primeiro
Vale que versejou em terras portuguesas,
E a quem chamou o pôvo o sonhador-trovoiro
Das noites de luar, dos prados e devezas!

Berço de Gil Vicente — o Mestre que ao prosco
Deu seus autos d' Amor, de Troça e de Ironia,
Do grande Gil Vicente, o extraordinário gên
Da funda Realidade e vasta Fantasia!

De João Gonçalves berço — o célebre Engenho
Que sábios assombrou no Invento e na Beles.
E berço que embalou, num gorgear saúdoso,
Catarina de Souza, a Sapho portuguesa!

Berço cheio de flor's, tam simples, tam humilde
Do arqueólogo Sábio e Imortal Sarmento!
Berço de seu discipulo Abade de Tagilde,
Cérebro onde luziu a riva do Talento!

Berço dum rouxinol, que nas ribas do Ave,
Enlevado e a sonhar no triste das tardinhas,
O enternecido Bráulio, o Lírico-Suave,
Cantou cheio d' Amor o Amor dos Andorinha

Berço feito de Incenso e Sonhos de Esmeralda
Que embalaste em teu Seio isento de canseira
A grande Alma de Luz do Padre António Cald
E o profundo Saber do lente João Meira!

DELFIN DE VIMARANES.

Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães

(ARTIGOS 1.º E 2.º DOS SEUS ESTATUTOS)

A Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, com sede nesta cidade propõe-se, como a sua designação indica, exercer a sua acção de orgnismo social, no sentido da defesa dos direitos e das regalias do concelho dos cidadãos vimaranenses, e no propaganda das suas belezas panomias, dos seus monumentos historicos e da sua actividade comercial, industrial e agricola.

Os meios de que a Sociedade serve para conseguir os seus objectivos, são especialmente:

1.º — Tomar ou coadjuvar as iniciativas que visem o engrandecimento e progresso do concelho, principalmente quando procurem resolver problemas como os da habitação, saneamento urbano, educação fisica, higrigie social, viação, estética cidadina, ensino popular, tecnico e industrial, cultura artistica, mendicidade, instituições de caridade e de beneficencia.

2.º — Promover a união de todos os vimaranenses, fazendo com que, se qual fôr o seu credo religioso ou politico, residam ou não na área do concelho, prestem á terra-mãe o concurso de sua simpatia e solidariedade.

Esta Sociedade, resultante do antigo grupo «Pro-Vimarane», adopta esdivisa, em homenagem aos seus fundadores.



GUIMARÃES — O seu castelo